

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JSM: O CINEMA DE JORGE SILVA MELO E CARTA BRANCA SEM RECEITA

18 de Maio de 2022

BARTOLOMEU CID DOS SANTOS, POR TERRAS DEVASTADAS / 2009

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização e Argumento: Jorge Silva Melo *Fotografia:* José Luis Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho, Quintino Bastos, João Eleutério *Montagem:* Vítor Alves *Assistente de realização:* Maria do Mar Fazenda, Andreia Bento *Fotografias:* Catarina Botelho, João Cutileiro, Valter Vinagre *Excertos de* GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM (Jorge Silva Melo, 2008) e de vídeo de Miguel Martinho *Material de arquivo:* INA, RTP *Com:* Alan Sillitoe, Hélder Macedo, João Cutileiro, John Aiken, Manuel Augusto Araújo, Paula Rego, Valter Vinagre (depoimentos), Jorge Silva Melo (participação e voz off, não creditado).

Produção: Midas Filmes para a RTP 2 (Portugal, 2009) *Produtor:* Pedro Borges *Produtores Associados:* Artistas Unidos *Apoios à produção:* Câmara Municipal de Tavira, Instituto Camões (Portugal, 2009) *Primeira exibição pública em Portugal:* 30 de Abril de 2009 no Festival Internacional de Cinema Independente IndieLisboa 2009 *Primeira exibição na Cinemateca:* 25 de Maio de 2009, com CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN (“Retratos de Artistas por Jorge Silva Melo”), *Cópia:* betacam digital, 4:3, cor, falada em português, 62 minutos.

Na praia da Ericeira, terra que foi de pescadores e de velhos capitães, e onde a memória ainda sobrevive de passadas viagens, numa noite de fim de ano, entre o tinir dos copos e risadas anónimas, era passada já a meia-noite, hora de bruxas e duendes, surge da escuridão do mar o navio fantasma. Silencioso primeiro, aos roncões depois, arrasta o seu casco sobre as rochas e a areia, vindo de outras terras e de outros tempos e há muito abandonado pela tripulação. [...]

de uma leitura de Bartolomeu Cid dos Santos no filme
(material filmado para GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM)

Bartolomeu Cid dos Santos (1931-2008), um dos muitos artistas exilados do século XX português, é retratado como um pintor e gravador cuja obra de extrema vitalidade mantém uma ligação profunda com Portugal. O retrato foi acabado depois da sua partida, como esclarece a sequência de abertura e o início do texto *off*, datando nascimento e morte. Assim começa a sua história filmada por Jorge Silva Melo, que abre, em Tavira, a primeira das gavetas de onde saem gravuras, e que ao nome do artista acrescenta, no título, POR TERRAS DEVASTADAS, a partir do célebre poema de T.S. Eliot (*The Waste Land / A Terra Devastada*, 1922) citado sobre imagens de actualidades da Europa destruída pela Segunda Guerra Mundial.

As frases que Jorge Silva Melo não diz no filme, mas escreveu para o acompanhar, soletram: “Um retrato de um homem que, aos 14 anos, no Chrysler do seu avô, foi de Lisboa a Paris em 1946, e viu desfilar a terra devastada depois da Segunda Guerra Mundial. E é por terras devastadas, ruínas, labirintos, mares que ele, sempre menino e sempre marinheiro, procura... e procura o quê?” Num passo anterior do mesmo texto, Jorge Silva Melo fala do que por si busca, levado por Bartolomeu: “Procuro fazer um breve retrato deste homem das sete partidas do mundo [Lisboa, Londres, Sintra, Tavira, Lahore, Bagdad, Macau...], artista multifacetado, irónico, romântico, terno, grande conhecedor do mundo, das viagens e das técnicas, grande conhecedor das letras, e fazer ver como ele, em cada obra que faz, gravura, pintura, escultura ou... convoca todo o tempo passado, todas as terras distantes, sabendo, com Eliot, que ‘tempo passado e tempo futuro estão ambos presentes no tempo presente’.”

Encontra-se uma primeira tirada sinceramente ditirâmbica sobre o artista no anterior GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM (2008), o filme que acabou por antecipar-se ao de Bartolomeu nascido do de Nikias (esse fio desenrola-se na “folha” do GRAVURA) e em que JSM, antes de adjectivar com gosto o trabalho de Bartolomeu Cid dos Santos, lembra a expressão de Paula Rego que lhe chamava “o mestre da água tinta”.

Ancorado em imagens de Bartolomeu (vindas dos arquivos e sobretudo – lá está – do material filmado a propósito do depoimento para GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM) mas também no testemunho de uma série de colaboradores e amigos, o *retrato de Bartolomeu* é relativamente conforme às regras habituais do jogo no sentido da integração das várias vozes que vão compondo a imagem da sua figura e da sua obra. Ela vai sendo conduzida em *off* pelo narrador, JSM, nas suas pessoalíssimas palavras inconfundivelmente ditas com o envolvimento que por altura deste filme se conhecia já de PALOLO, de de LAPA, de NIKIAS, da breve frase que o ouvíramos proferir nas CONVERSAS COM GLICÍNIA QUARTIN. Como em GLICÍNIA, como nos outros filmes pares da série retratista de alguma maneira assente numa comunidade de entendimentos, a história individual estende-se, cruza-se com uma teia de referências, elas próprias históricas, geracionais, intelectuais e artísticas.

Silva Melo apresenta Bartolomeu Cid dos Santos como “um dos grandes artistas do século XX. O seu é o mundo crepuscular do fim do Império, ele que criou as primeiras metáforas contra o Colonialismo Português. E que, com renovada vitalidade, se insurgiu contra a Nova Ordem Mundial”. O pulso do filme leva-nos a Londres com Bartolomeu, que por lá desembarcou levado por um livro com palavras de Jacques Prévert e fotografias de Izis (*Le Charme de Londres*) para descobrir a Londres dos rebocadores do Tamisa “uma cidade a preto-e-branco, ainda uma cidade imperial”, como lhe ouvimos dizer. Para Bartolomeu foi uma descoberta para a vida. Aí se instalou reconhecendo *o seu lugar* (como lhe é dito a dado momento, conta ele) na escola de artes visuais onde estudou (a Slade School of Fine Arts, na segunda metade dos anos 1950) e depois formou gerações de alunos (entre 1961 e 1996) no regresso de uma passagem pelas Belas Artes em Lisboa onde não pôde acostumar-se ao bafio – Bartolomeu: “o pó flutuava no ar.” A Slade, onde passou mais de três décadas e que marcou indelevelmente, foi o espaço onde desenvolveu uma nova relação com o ensino das artes visuais, um funcionamento de escola como atelier artístico, uma nova escola de gravura em Inglaterra (pelas suas contas terá impresso 35 mil gravuras ao longo de mais de três décadas na Slade).

O atelier de gravura é o grande palco deste retrato (Bartolomeu “via a gravura como um processo teatral”, diz Alan Sillitoe). Ou é *em trabalho* ou discorrendo sobre o seu trabalho destacado de um fundo preenchido de livros que JSM dá a ver Bartolomeu, entre as suas gravuras, as suas “caixas”, as suas pinturas, as suas referências. A biblioteca de Borges, inspiração dos labirintos de Bartolomeu, que no escritor e na *Ode Marítima* de Pessoa (Campos) reconhece “influências literárias que influenciaram não literariamente”. POR TERRAS DEVASTADAS acaba como uma despedida, o atelier vazio captado em imagens fragmentadas a marcar a ausência de Bartolomeu. Que Jorge Silva Melo faz voltar no final, justapondo, à do genérico, a imagem do pintor num momento de leitura, voltando aos rebocadores do Tamisa. A voz de Bartolomeu persiste, ao correr dos créditos, sobrevivente da memória de viagens passadas.

Maria João Madeira